

Perfil

Aquilino, Mestre da Nave

O lançamento de toda a sua obra romanesca, pelo Círculo dos Leitores, e o êxito das reedições integradas nas Obras Completas, com a chancela da Bertrand, vieram chamar de novo a atenção para um dos maiores escritores portugueses contemporâneos, desaparecido vai para 21 anos. O «JL» aqui o evoca, através do texto de outro grande escritor, e de um inédito do próprio Aquilino Ribeiro. Na próxima edição, voltaremos à obra e ao homem.

José Cardoso Pires

Por pudor nunca o tratei em vida por Mestre. Era um lugar-comum dos cavalheiros das letras cumprimentarem-no dessa maneira e eu não queria, nem quero, misturar-me com esses perus. Ele, que tinha sete sentidos e mais um, também não alinhava no mote e lá tinha as suas razões.

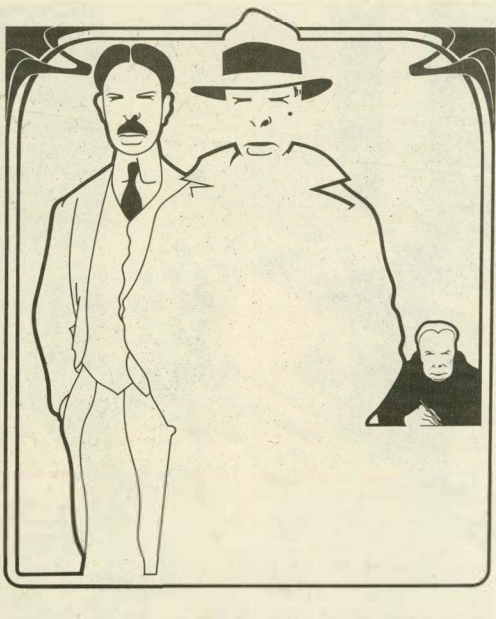
Mestre. Poucos, raríssimos escritores foram tão enaltecidos como Aquilino pelo lado fácil da leitura ou pelo oportunismo insidioso. Salazar, que era de letras canónicas e carnívoras, louvou-o (não sei se se lembram) pelas seduções clássicas e rurais e passou palavra a alguns ministros que logo disseram que sim: no fundo tratava-se dum republicano beirão e de boa sintaxe, julgavam eles, nada a temer: imprimatur e siga o barco. Quanto à velhada conservadora, Aquilino era o Arcanjo Negro que traçava a pena de ouro o Portugal desmantelado pela miséria dos talassas e pelas oratórias parlamentares: tratava-o como um São Malhadinhas de pôr na estante ao lado do seu Anatole e lia-o em caricatura de caçador da serra da Nave, arma à bandoleira e lábio grosso, só instinto. Da malta nova nem vale a pena falar, pegava-lhe, se lhe pegava, a correr e com preconceito: Aquilino era prosa telúrica e serrana. Um matagal.

Andou-se nisto. Para os pobres de leitura, clientes do lusitanismo ou contestatários por geração, ele ficava-se, a bem dizer, no maneio da escrita, estilísticas pax ruris, caudal vocabular e coisa e tal. De modo que pelo verso e pelo reverso, uns por devoção, outros por insidia, todos concordavam: Mestre, mestre da língua. E tenho dito.

Aquilino lá de tempos a tempos ainda levantava a voz: «Dizem que o Português é uma língua rica,» ouvi-o eu desabar um dia. «É mais é pobre, tem palavras a mais.» Mas quê, a sorte estava lançada, nada a fazer. O bom e asqueroso Dicionário Morais na sua versão «king-size» transformou-o em abonador de provincialismos, os padres de liceu fizeram dele um torturador de crianças a dividirem orações, o romancista estava em riscos de se reduzir a um solfejar exdrúxulo para uso e exemplo da língua mater, amen.

Entretanto poucos se detinham, suponhamos, diante de *A Pele do Bombo*, que é uma das «short-stories» mais modernas e de vocabulário mais estrito de toda a nossa literatura; poucos se apercebiam da extraordinária depuração que se ia operando num escritor de tão grande fôlego e que iria coroar-se nessa obra-prima de escrita e de enredo chamada *A Casa Grande de Romarigães*. Não. O país que o lia, lia-o cego, e mesmo antes de o abrir já exultava: Mestre da língua, mestre da língua, senhor das vozes telúricas da serra da Nave, algures lá para as Beiras.

Aquilino, que era de mau perder e pouca paciência (guardava-a toda para a escrita),



João Rui Miguel

Aquilino pegou um dia nos catarrentos que o adulavam e nos vivagoes que o denegriam, meteu-os a todos num saco e — prefácio à *Casa Roubada* — bateu forte e feio:

«Fizeram crer que o meu estilo era provinciano. bárbaro. com o fartum do burel e o ranço de Fernão Lopes. E as boas almas fantasiavam-me à banca de romancista a aparar a pena de pato (...). Tudo isto era grotesco, estapafúrdio, dum pequenez de saguão, filho da desordem mental que frades e mestres causaram no cérebro português.»

Mas, vindo bem, o que é um Mestre da língua? E mesmo do romance, o que é um Mestre do romance? Tanto quanto sei, o romance não se ensina, aprende-se; aprende-se em nós, que o escrevemos, quero eu dizer. E quanto às palavras, métricas, respiração do texto, cada qual tem as suas e essas não vêm directamente de fora, a não ser para o regionalista das monografias.

[Aquilino, em conversa: «A fala do povo só chega aos escritores quando eles a podem trabalhar à sua maneira» — textual, ou quase.]

Aqui ocorre-me Guimarães Rosa, outro patriarca. Muitos diziam-no e ainda o dizem um magistral fiel depositário da voz rural e ele, contador de histórias sem procuração, protestava que nada disso, que o seu alcance era muito outro. Dizia e repetia. Toda a vida se fartou de prevenir contra o rigorismo do seu dicionário e da sua sintaxe sertaneja.

Com Aquilino Ribeiro passou-se o mesmo. Embora a níveis de recriação muito distanciosos, quer o discurso dele, quer o de Rosa estão longe de ser um registo escrupuloso do discurso popular. A palavra original é repugada pela raiz ou pelo eco, desfocada do seu contexto natural; e decomposta, muitas vezes; recomposta, também: tratada. O plebeísmo assume uma ironia erudita (passou da voz à escrita) ou entra como jogo literário: e o pro-

vérbio e a frase feita idem, deslocam-se do sentido convencional ou são parafraseados para aparecerem com uma nova carga.

O «bom ouvido»

Este tratamento da expressão é evidente que pressupõe humor. Toda a corrupção criadora pressupõe humor, é dessa capacidade de abordar o discurso real fora da lógica imediata que nasce o jogo, o prazer do texto. A fruição, como diria Roland Barthes, e isto porque da voz à escrita vai sempre um percurso de transgressões, bem o sabemos, e porque toda a fala dum população literária é literária, quer se queira quer não, mesmo que recolhida ao magnetofone. Em Guimarães Rosa isso é mais que evidente, até pela gesta poética que o domina; em Aquilino menos, muito menos, mas os indícios estão lá, é questão de o lermos por dentro. Desobriremos então como, de obra para obra, a sua sintaxe narrativa foi crescendo em liberdades e em achados pessoais.

[Humor. Aquilino dizia, p. ex., que gostava da *Família de Pascual Duarte*, do Cela, porque sendo um «romance árido e triste» (sic) tinha uma construção cheia de humor] — e isto faz-me lembrar que poucas vezes ouvi observações tão sábias e humoradas como as dele quando comentava certo livro ou certo autor. Sempre que o fazia usava um tom deliberadamente casual que era como que uma demonstração de desdém pelo mandar-vir dos eruditos.

Sim, eu apercebia-me disso, desse seu horror ao literato solene e às masturbações exibicionistas, e via como em contrapartida toda a sua maneira de analisar era comandada pela prática e pelo segredo oficial. Ele dizia, suponhamos, *bom ouvido* (uma expressão muito dele: Fulano, determinado escritor, dotado de bom ouvido) e logo a seguir descobriamos que não se referia simplesmente à memória ou ao

registo da frase ajustada à personagem e ao texto, mas ao talento de contrapor as vozes da narração e à capacidade de dar som literário ao vocábulo corrente — coisas da prática da escrita, de facto.

Também costumava apontar a coragem do fracasso (em Camilo, lembro-me bem) como uma prova salvadora dos grandes romancistas, e certa vez, a propósito de *Uma Abelha na Chuva*, do Carlos de Oliveira, entrou a falar de ecos: ecos, ressonâncias, desdobramentos que se levantavam ao correr do livro e o prolongavam para uma segunda realidade. Nessa altura estava longe de adivinhar que, depois da sua morte, iria surgir *Finisterra* e que aí, sim, estavam todos os ecos de Carlos de Oliveira que ele tinha anunciado mas agora em dimensão final, implacável.

O lobo e os amanuenses

E volto a Guimarães Rosa. (Não é por acaso que ele era leitor de Aquilino e que nenhum outro citou dos portugueses dos nossos dias.) Volto a Rosa, pois: entre ambos há sinais que os aproximam, ressonâncias que lhes são familiares.

Bem sei, Rosa, menino de ouro, grandes sertões, campos gerais, pôde dar às suas histórias uma cintilação de infância deslumbrada em grandes espaços de viagem e saga. Aquilino não. Entre um e outro há distâncias de geração e de geografia. Aquilino, filho pobre das aldeias do Demo, viveu uma paisagem mais limitada, memórias tristes, urze e pinhal. Já lá vinha detrás, do outro século, e carregava o peso dos clássicos e das Humanidades; o seu fabulário é o nosso, modesto de fauna e de cores, o tímido bicho-de-conta, a centopeia monástica, uma cabrinha de milagre; o seu herói camponês é menos mágico do que o de Rosa, menos errante.

Apesar disso há os tais sinais, a transfiguração do discurso popular (ai, ouvido, genial ouvido) e sobretudo certo franciscanismo que lhes é comum na abordagem da irmandade dos homens e dos bichos. Isso, o franciscanismo. Uma pessoa vai de leitura solta por esse cântico colorido que é o sertão de Guimarães Rosa, topa a arara, topa a onça, topa o preá e o burrinho pedrês, e não pode deixar de recordar Aquilino e o entendimento com que ele humaniza o melro, o jumento e demais criaturas do nosso reino menor, a ponto de ter feito de uma delas — **Lobo Estudante**, assim chamado — a personagem maior dum romance que lhe traria a excomunhão oficial.

Estudante, Irmão Lobo, parece saudá-lo Aquilino logo que ele lhe salta do meio da escrita. E eu fico preso àquela figura, vejo nela a alegoria final do próprio autor, que foi igualmente animal de sete fôlegos e montanhês indomado.

Quando lhe apareceu este **Estudante**, 1959, o romancista era um homem velho e de muitas vidas. Andara a monte por fragas e exílios, fora conspirador e rebenta-cadeias, mas ao longo e ao cabo de tantas aventuras não parara de nos deixar milhares de páginas trabalhadas pelo seu punho benfazejo.

Enorme e desigual, diz-se que foi. E é verdade. Controverso, por vezes. Mas cada dia mais insubmisso, mais em cima do seu tempo, e para lá de tudo irreprimível na sua força criadora: todas as manhãs, quando o sol de Lisboa entrava pela sua casa da Rua António Ferreira, já ele ia longe, sentado à escrita diante dum altar de herejes e pobres-diabos. Juntava-os a todos com príncipes da História, marchantes e almas penadas numa caligrafia roxa que para nós, os novos, tinha uma solenidade única, patriarcal.

E eis que um dia — à vista da morte, pode dizer-se — publica **Quando Os Lobos Uivam**, o romance que é todo ele percorrido por essa vítima repudiada chamada **Estudante**, um lobo. Aí a «intelligentzia» fascista e as academias dos generosos desataram a escabujar: Aquilino, o consagrado que renegara os aduladores, Aquilino, o insubmisso que, com Redol, Carlos de Oliveira e alguns mais, pusera de pé a Sociedade de Escritores contra o aviso dos sensatos e as ameaças do Regime, Aquilino tinha ido longe de mais. O criador do pícaro e folclórico Malhadinhas falava agora de camponeses em fúria pela posse da terra — ou seja, entrava definitivamente no signo do Lobo.

Posto o que Salazar não teve outra solução que atirá-lo ao juízes.

Ainda o estou a ver naquela manhã de Novembro em que eu, o Manuel Mendes, Piteira Santos, Raul Rego e Acácio Gouveia o acompanhámos ao Tribunal da Boa-Hora para pagar a caução da liberdade provisória. Ia grande e sereno, era um velho de olhar azul a atravessar uma colónia de amanuenses. Nenhum desses homens, nenhum, sonhava que vinha ali um dos maiores construtores da literatura portuguesa e que era ele que, para os escritores deste país, comandava de facto a nave de todos nós. ■